



Avença

Órgão nacionalista, defensor dos concelhos do Norte do Distrito de Leiria

Proprietário: Dr. Ernesto Lacerda

Director e Editor: Dr. Joaquim Alves Tomás Morgado

Chefe da Redacção: Prof. A. Paula Santos

ANO VII — REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO, COMP. E IMP.: OFFINAS GRÁFICAS DA MINERVA CENTRAL — FIGUEIRÓ DOS VINHOS — TELEFONE 7 — N.ºs 158 e 159

Foram concedidas participações ao concelho no valor de 645 contos

para obras em curso e a iniciar, cujo montante se eleva a 2709 000\$00

- Construção da ponte e pavimentação da Estrada Chimpeles-Moninhos (Aguda)
- Empedramento da Estrada da Ribeira Velha (Campelo)
- Continuação da Estrada do Vale do Rio
- Arranjo do Jardim da Vila
- Início das obras do plano de saneamento da Vila

Como de quando em vez nos fazemos eco e os Figueiroenses sabem, o concelho vem beneficiando de importantíssimos melhoramentos que têm valorizado não só a vila-sede, mas também todas as freguesias rurais.

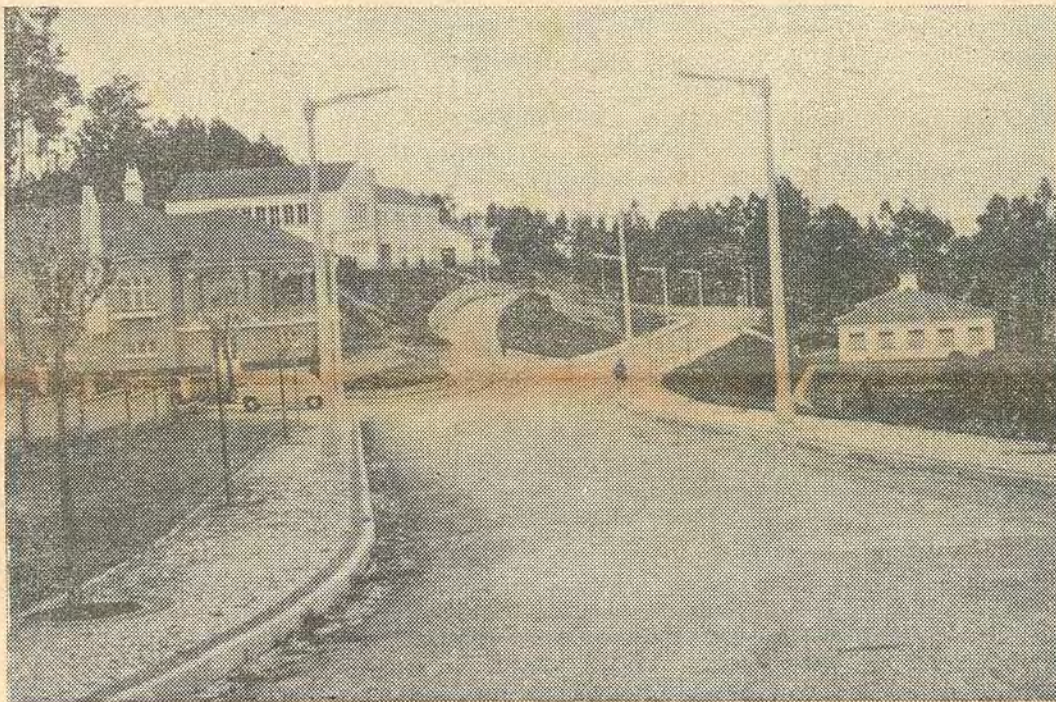
As obras em curso, presentemente, e as que irão iniciar-se muito em breve, respeitam às classificadas de maior importância e o seu custo cifra-se em milhares de contos. Claro está, muitas outras esperam a sua vez — o que, porém, não significa esquecimento ou menor interesse do Município pela sua satisfação.

Confirmando o que dizemos, informamos de que as recentes participações atribuídas ao concelho se elevam a 645 contos — para a realização de melhoramentos no valor total de 2709 000\$00.

As participações não dizem respeito só a novas obras, como poderia supor-se. Três delas, a «construção da Estrada Municipal de Figueiró dos Vinhos ao Vale do Rio», o «empedramento da Estrada da Ribeira Velha» e a «construção da ponte e pavimentação da Estrada de Chimpeles aos Moninhos», fazem parte das «em execução». No capítulo de «novas obras» incluem-se os «trabalhos do saneamento da vila» e «o arranjo do Jardim», a iniciar este ano ainda.

Ponte e Estrada de Chimpeles-Moninhos

Esta fase de trabalhos agora participada com 303 contos é a sequência das obras já ali realizadas nos anos anteriores. Toda a obra foi orçada em 440 contos.



FIGUEIRÓ DOS VINHOS — AVENIDA SALAZAR

Bem haja o Governo do Estado Novo pelos benefícios prestados ao nosso concelho!

125 583\$00 e o depósito provisório de 3140\$00.

Desnecessário se torna exaltar a importância da fase que vai iniciar-se brevemente, pois trata-se dum benefício que vinha sendo reclamado há dezenas de anos pelas populações da freguesia de Aguda, em especial.

Estrada da Ribeira Velha

A participação de 51 contos, recentemente atribuída, destina-se ao «empedramento entre perfis 0 e 60, na extensão de 1296 metros». O valor total do melhoramento é de 222 contos.

A praça para a obra realiza-se amanhã, pelas 15 horas, nos Paços do Concelho, sendo de 64571\$00 a base de licitação; o depósito provisório é de 1614\$00.

Estrada F. Vinhos — Vale do Rio

O custo total da obra é de 927 contos. Foi agora participada com 123 000\$00 a 3ª fase que compreende a «terraplenagem e aquedutos entre perfis 90 e 183, na extensão de 1773 metros».

Os trabalhos desta fase vão, também, à praça amanhã, pelas 15h 30m, nos Paços do Concelho, com a base de licitação de 125 583\$00 e o depósito provisório de 3140\$00.

Saneamento da Vila

Para início do plano de saneamento — execução da rede de esgotos — orçamentado em 1000 contos, foi concedida a participação de 125 583\$00 e o depósito provisório de 3140\$00.

(Continua na 8ª página)

A Sr.ª Kubitschek de Oliveira em Portugal

Proveniente de Espanha, onde passou alguns dias, deve chegar hoje a Lisboa, às 23 horas, a Sr.ª D. Sara Kubitschek de Oliveira, esposa do Presidente da República do Brasil.

Durante a sua estadia em Portugal será hóspede do Governo e irá à Cova da Iria em romagem ao Santuário de Nossa Senhora de Fátima, além de visitar outros locais do País, especialmente da região central.

Dr. Joaquim Alves Morgado

O nosso querido Director e ilustre Presidente da Câmara, Sr. Dr. Joaquim Alves Morgado, sua esposa e filhos encontram-se desde ontem a férias na Figueira da Foz.

Auguramos-lhe óptimo veraneio.

Um grande hotel em Luanda

Representa, sem dúvida, um notável melhoramento para a cidade de Luanda a inauguração do «Hotel Continental», construção modelar apta a servir o turismo nacional.

O novo estabelecimento hoteleiro, pertença da «Sociedade de Hotéis Eduardo VII — S. A. R. L.», com sede em Lisboa, importou em vinte mil contos e dispõe de 90 quartos, todos com casa de banho, amplos salões, dois bars e de uma «boite».

De notar que, no recheio do novo hotel, foi dada uma preferência absoluta aos produtos da indústria nacional, só tendo sido adquiridos no estrangeiro os artigos que esta não fabrica. No total, os artigos adquiridos no estrangeiro não vão além de 5%.

De tudo isto resultou que, efectivamente, o novo hotel «Continental» fica desde este momento a constituir um valioso elemento de valorização de Luanda, pois pode equiparar-se ao que de melhor existe nos territórios vizinhos de África, e até mesmo em países de outros continentes.

Numa ocasião em que, por todos os meios, se procura criar condições de atracção para os turistas, de forma a aproveitarem-se as excelentes belezas naturais que Angola oferece, a garantia dada a esses turistas da existência de um estabelecimento hoteleiro de grande categoria constitui, na verdade, uma contribuição notável e digna de louvor, agora possível graças às facilidades e isenções que a Lei n.º 2073 concede.

Isto mesmo foi salientado no acto inaugural, quer pelo Sr. Dr. Felner da Costa, Chefe da Repartição de Turismo do S. N. I., que propositadamente se deslocou a Luanda para assistir a esta inauguração, quer pelo Sr. Coronel Sá Viana Rebelo, Governador-Geral de Angola, ao agradecerem o convite que lhes fora dirigido para assistirem ao acto.

A província de Angola, cujo notável progresso lhe concede, cada vez mais, novos rumos no seu enriquecimento económico, ficou, assim, a dispor de um esplêndido hotel de turismo à altura das suas necessidades e do seu movimento turístico.

Dr. Luís Quaresma Ferreira

Com sua esposa e filhos, encontra-se em Monte Real o nosso estimado amigo e conterrâneo, Sr. Dr. Luís Quaresma Ferreira, distinto Advogado nesta Comarca.

Que colham bom resultado da sua estadia nas Termas, eis os nossos votos.

Artur Martinho Simões

A passar alguns dias de merecido repouso, tem estado em Trespostos Campelo, sua terra-natal, o nosso ilustre amigo e distinto Chefe de Repartição da Administração Política e Civil do Ministério do Interior, Sr. Artur Martinho Simões.

Os nossos cumprimentos e o desejo de férias excelentes.

Dr. Joaquim José Fernandes

Na companhia da esposa e filhos, parte, no dia 1 de Setembro, para a Figueira da Foz, onde vai gozar merecidas férias, o nosso querido e ilustre amigo, Sr. Dr. Joaquim José Fernandes, distinto Médico municipal e dedicado Director-clínico do Hospital da Misericórdia.

Os nossos votos de óptima estadia naquela praia e que volte com a saúde totalmente recuperada, a fim de retomar a sua intensa e extenuante actividade médica no dia 1 de Outubro.

Do cartão de visita à mensagem

EM nosso tempo, não seria exa-
gero comparar o simples car-
tão de visita a um nobre decaído.
Houve dias, contudo, em que
viveu entre a aristocracia, teve
escudos e brasões e se pavoneou
orgulhosamente, levando ricos
atavios. Os modos democráticos,
que deram ao homem novos
horizontes, vão fazendo desapare-
cer o senhoril cartão de visita.

Portador, em épocas passadas,
de cortesias fórmulas sociais e
mensagens galantes, hoje está
reduzido a desempenhar simples
encargos sob a pena nervosa do
atarefado homem de nossos dias.

O cartão de visita, como uma
porção de coisas cuja paternidade
atribuímos aos ocidentais, foi
inventado, há milhares de anos,
na velha China. Os primeiros
apareceram estampados, segundo
nos informam orientistas erudi-
tos, em pedaços de seda, costume
que, por estranho que pareça,
existe também nalgumas regiões
da França, que fazem da serici-
cultura a sua principal fonte de
riqueza. Acrescentam os autori-
zados testemunhos invocados li-
nhas acima, que os chineses em-
pregavam os cartões para se felicitar
na ocasião das festas de Buda.

Quando, como e por quem se
introduziu o cartão na Europa, é
coisa que não se sabe. O prová-
vel é que nascesse espontânea-
mente como expressão duma ne-
cessidade do tratamento social.
Não falta quem afirme que a sua
origem no Ocidente se deve a um
costume implantado, em meados
do século XVI, pelos estudantes
da Universidade de Pádua. Estes
lembraram-se de deixar na casa
dos professores um pedaço de
papel com desenhos e firmas
alegóricas, quando iam saudá-los
e não os encontravam. O uso de
cartões tem, como se vê, antigos
e dignos precedentes no mundo
da cortesia.

Dos cartões de estudantes a
que nos referimos existem curio-
sos exemplares no Museu de
Veneza, notando-se que nenhum
ostenta o nome do dono, pelo
que melhor poderiam ser consi-
derados como os precursores dos
cartões postais ilustrados.

Pelo que se refere à França,
não parece que o cartão tenha
sido ali introduzido até ao século
XVII, e foi então com um obje-
tivo muito diferente do que lhe
atribuíram mais tarde. Racine,
na sua *História de Port Royal*,
emprega a expressão «cartão de
visita» para indicar a inspecção
dum convento pelo bispo da dio-
cese, e Salle, nas famosas *Regras
de cortesia e de boa educação
cristã*, publicadas no século XVII,
faz alusão ao costume de deixar
escrito o nome do visitante na
residência do visitado. O uso
mundano do «cartão de visita»
começa na França até à primeira
metade do século XVIII. A moda
não tardou a estender-se rápida-
mente por todo o mundo civilizado.

Tendo a França, então, uma
espécie de predomínio moral so-
bre a Europa, não é de surpreen-
der que a história do cartão de
visita no velho continente se re-
suma no cartão francês que foi,
segundo os historiadores, vaidosa
e frívola na época dos Bourbons,
fútil e discreta durante o período
revolucionário, novamente ativa
sob o Império, para se reduzir
depois a uma superfície acetinada,
branca e discreta.

As damas e os cavalheiros do
século XVIII costumavam trocar

cumprimentos e felicitações en-
viando o melhor de seus servido-
res que, ao apresentar-se ao
destinatário, se inclinava até ao
solo e dizia: «O senhor marquês
ordena-me anunciar à senhora
condessa...»

Pouco a pouco, foi-se deixan-
do esta prática, sendo substituída
pela de fazer com que os portei-
ros escrevessem numa ardósia o
nome do visitante, na ocasião
das festas de aniversário, doenças
e outros acontecimentos de ca-
rácter familiar. Depois appare-
ram os livros de assinaturas nas
grandes mansões. As visitas de
Ano Novo constituíam uma obri-
gação social, a que ninguém que
se prezasse podia faltar. A ta-
refa imposta aos porteiros, ao
generalizar-se as visitas de Ano
Novo, chegou a ser enorme. O
serviço deixava muito a desejar,
como se pode supor. Então, re-
solveu alguém deixar o nome es-
crito sobre um cartão. Daí a fa-
zer litografar o cartão não havia
mais que um passo, que foi defi-
nitivamente permitido em meados
do século XVIII, data em que se
estabeleceram em Paris os pri-
meiros estampadores ou grava-
dores de cartões.

A nova indústria era muito lu-
crativa, pois, sendo o cartão um
artigo de vaidade, pagava-se aos
artistas uma verdadeira fortuna
pelo seu trabalho. Claro está que
as pessoas de distinção competi-
am em expor sobre o pequeno
rectângulo de cartolina, títulos,
honras, grandezas e cargos, tudo
sobressaindo no meio de dese-
nhos, cada qual mais trabalhado.
Tal costume foi satirizado com
muita graça nas comédias daque-
la época, tão rica de agudos ta-
lentos literários.

A troca de cartões mais ou
menos adornados continuou em
voga até fins do século XVIII.
Fazia-se deles um uso tão desar-
razoado, que um membro do Par-
lamento, para poder viver em
paz, mandou colocar na entrada
da sua casa duas grandes caixas:
uma vazia, destinada a recolher
os cartões alheios, sobre a qual
aparecia escrita a palavra *Déposez*
(deposítai) e outra cheia de car-
tões com a indicação *Prenez* (to-
mai).

Entre os cartões de visita mais
curiosos da época há os que re-
presentam o titular escrevendo o
próprio nome. Quando o proprie-
tário do cartão era uma senhora
importante, costumava figurar,
desenhado sobre a cartolina, o
retrato de seu marido.

Desde os princípios do século
XIX até 1860, os cartões de visita
simplificaram-se bastante. Ape-
sar disso, ainda conservavam cos-
tumes antigos, pois as pessoas
aristocráticas, os artistas e es-
critores de fama costumavam em-
pregar cartões com profusão de
adornos alegóricos.

Hoje, de acordo com a regra
«outros tempos, outros costu-
mes», o cartão de visita reduz-se a
uma cartolina com o nosso nome.

O cartão de visita subsiste,
principalmente, pela dificuldade
que temos de renunciar aos velhos
hábitos. E ainda porque, segun-
do o velho preceito inglês «tem-
po é dinheiro», vemos nesse pe-
dacinho de papel ou pergaminho
um meio de evitar, às vezes, a
perda de preciosos minutos que
podem ser melhor aproveitados,
evitando-se o trabalho de escre-
ver uma carta.

(Continua na 4.ª página)

PEDRÓGÃO GRANDE

Festejos a favor do Hospital

O edifício hospitalar deste con-
celho, cuja construção se deve à
iniciativa do Médico Dr. Gaspar,
falecido há muitos anos, para o
tempo em que foi construído já
reunia satisfatórias condições pa-
ra servir os doentes do concelho.

Mas os anos não decorrem
em vão e as instalações, que nou-
tros tempos eram óptimas, hoje
nem suficientes chegam a ser,
pois que o edifício, embora seja
amplo e bem localizado, carece,
além de profundas reparações no
seu conjunto, que lhe emprestem
um aspecto atraente, duma sala
de operações à altura da função
que lhe está adstrita, dum gabi-
nete, de mobiliário, trem de co-
zinha, enfim, dum sem número
de coisas imprescindíveis para
que possa desempenhar cabal-
mente a sua missão.

É certo que, até há bem pouco
tempo, se vieram realizando ali
sessões operatórias de certo me-
lindre, sob a direcção proficiente
do Prof. Sr. Doutor Bissaya Bar-
reto, e isso devido à actuação
dinâmica do saudoso Dr. Farinha,
que tinha pelo Hospital o maior
carinho, plenamente revelado na
organização do «Cortejo de Ofen-
didas», que levou a cabo com
exuberante êxito e cujo sucesso
perdura indelévelmente na me-
mória de todos nós.

Mas o eminente Cirurgião,
Prof. Sr. Doutor Bissaya, já por
diversas vezes manifestou a sua
autorizada opinião de que o Hos-
pital precisa de melhorar as suas
instalações, de harmonia com as
mínimas exigências hospitalares,
de molde a nele se poderem reali-
zar desafogadamente vulgares
operações.

Nesta conformidade, em face
das prementes necessidades do
nosso Hospital, há que conjugar
esforços, há que enfrentar o pro-
blema tal qual ele se nos apre-
senta, há que contribuir com o
nosso óbolo, cada um dentro das
suas possibilidades, para que a
Provedoria possa levar a bom
termo as obras e as beneficiações
de que carece o Hospital.

A Provedoria, mancomunada
com a *Comissão Pró Hospital*
presidida pelo Sr. Angelo Pereira,
figura destacada do nosso
meio, pela sua benemerência, vai,
pois, realizar grandiosos festejos,
com numerosos atractivos — tòm-
bolas, casas de chá, quermesses,
ranchos, jazz, bandas e muitos
outros números de variedades,
que no próximo dia 5 de *Setem-
bro* porão em alvoroço esta pa-
cata Vila, a que não faltará, esta-
mos certos disso, o concurso dos
habitantes de todo o concelho e
dos concelhos limítrofes.

Não falteis, pois, no próximo
dia cinco de *Setembro*, aos ali-
ciantes *festejos* em benefício do
Hospital. — C.

Os jovens cegos e a Fundação Sain

Na sede da Fundação Raquel
e Martin Sain, Avenida D. Car-
los I, 45-2.º, Lisboa, está aberta
inscrição para jovens cegos, de
16 a 21 anos, de preferência com
algumas habilitações, com fim à
sua reeducação e preparação para
a vida, em escola especializada,
a inaugurar brevemente no Centro
de Recuperação, em Lousa.

VILA FAÇAIA

Festas

Com o advento do Estio ini-
ciaram-se, por toda a parte, di-
versas festas em honra dos oragos
das respectivas freguesias, que,
além de meios salutareos de di-
vertimento, constituem, também,
na maioria dos casos, «paradas»
de luxo dos meios rurais.

E assim, à compita, se vão
realizando os festejos, onde se
revela um acento vincadamente
religioso, de mistura com diver-
sões de carácter profano, que,
dum modo geral, contribuem
para a sua enorme concorrência.

O povo, hoje, já não se con-
tenta tão-somente com as sinfo-
nias sacras do clássico órgão
que, executado com inspirada
religiosidade, reboia pelo corpo
da Igreja numa toada harmonio-
sa que se infiltra na alma dolorida
dos crentes, como um bálsamo
consolador.

O povo, hoje, quer mais, mes-
mo muito mais!

E assim, em qualquer aldeia
sertaneja, vemos a cada passo,
como complemento indispensável
para as festas, o *acordeão* e os
ranchos folclóricos regionais,
em detrimento das nossas velhas
bandas de música.

A apresentação dos «ranchos»
é interessante e louvável, consti-
tuindo um apreciável meio de
cultura para o povo, porque vai
contribuindo, não só para fixar
o folclore nacional, tão sugestivo
e variado de província para pro-
víncia e de região para região,
como também para melhor apre-
ciação da típica indumentária
portuguesa, que tende a abastar-
dar-se, numa miscelânea de mo-
tivos, que urge repor no seu
verdadeiro pé.

Quanto aos «conjuntos sono-
ros», não dizemos nada... mas
bem era que fossem bem selec-
cionadas todas as músicas a apre-
sentar, de molde a constituírem
um meio suave de cultura musi-
cal.

Trigo seleccionado para semente

Colheita de 1959

A Federação Nacional dos Pro-
dutores de Trigo está procedendo
ao trabalho de apuramento do
trigo para semente, com garantia
oficial da D. G. S. A., das seguin-
tes variedades: Amarelejo, Arge-
lino, Autonomia, Campodoro,
Candeal, da Maia, Galego Bar-
bado, Galego Rapado, Impeto,
Lobeiro, Lusitano, Magueija, Ma-
ra, Mocho de Espiga Branca,
Pirana, Preto, Amarelo, Quader-
na, Restauração, Roma, S. Pas-
tore e Tevere.

As requisições de semente, fei-
tas através dos Grémios da La-
voura, deverão dar entrada na
F. N. P. T., imprerivelmente,
até ao dia 15 de Setembro, para
que se possa conhecer, com ante-
cedência, as quantidades de que
os agricultores necessitem para
poder regular os serviços de
calibragem e distribuição.

As referidas variedades estão
sujeitas a rateio sempre que as
quantidades requisitadas forem
superiores às disponibilidades.

As requisições recebidas pos-
teriormente à data indicada não
poderão ser consideradas nos
rateios que porventura houver
que fazer e serão satisfeitas com
variedades de que ficarem dispo-
nibilidades.

Festa a Santo António

Na Salaborda Nova, realizou-se
no p. p. dia 16 a festa a S.º An-
tónio, que este ano teve enorme
concorrência e decorreu com de-
susado brilho.

Houve missa cantada e sermão,
pelo Pároco da freguesia, e de
seguida efectuou-se a procissão,
com a incorporação de algumas
devotas com fogaças, tendo de-
corrido tudo com a maior com-
postura e religiosidade.

Durante o dia a festa foi abri-
lhantada pela afamada Filarmô-
nica de Pedrógão Pequeno, e à
noite houve fogo preso e exibição
do *Rancho folclórico* de Pedrógão
Pequeno, dirigido pelo Sr. Prof.
Nunes Rodrigues, o qual, durante
e depois da sua dinâmica actuação,
recebeu do público fartos e justi-
ficados aplausos.

Os Mordomos, Srs. Manuel da
Silva Eiras e António de Almeida,
de Alagoa, merecem, sem favor,
os nossos parabéns, pois que
realizaram uma festa digna do
milagroso Santo António.

Visitas

Com curta demora deu-nos o
prazer da sua visita, que muito
nos penhorou, o nosso amigo Sr.
Dr. Armindo da Silva, distinto
Médico e Subdelegado de Saúde
em Oleiros, que prestou serviço
neste concelho, durante largos
anos, e a quem, com um sincero
abraço, apeteçamos a maior soma
de felicidades.

Em viagem

Para o Norte, seguiram, no
dia 15 do corrente, em digressão
do «fim-de-semana», os Srs. An-
tónio Coelho da Fonseca e Fer-
nando Henriques Lopes e Ex.^{mas}
Esposas, considerados funcioná-
rios da Hidro-Eléctrica do Zêzere,
em Castelo de Bode e Cabil, re-
spectivamente.

Que tenham feito boa viagem,
são os nossos votos. — C.

«Rua de Olivença» em Amarante

A população de Amarante vi-
veu, no dia 15 p. p., momentos
de grande entusiasmo e emoção
por a Câmara Municipal ter en-
grandecido a toponímia desta
histórica vila com o nome de
Olivença, irmã gémea no sacrifi-
cio e heroísmo, durante a Guerra
Peninsular.

Ao acto assistiram o Presidente
da Câmara, Sr. Coronel João
Pereira de Vasconcelos, os Vere-
adores Srs. Eng.º Pedro Manuel
Alvelos, Tenente António Joa-
quim de Sousa, Adriano Soares
Natal e António Baptista, repre-
sentantes da Imprensa local, mui-
tas colectividades com os seus
estandartes e muito povo que,
exaltando o seu vibrante entu-
siasmo, deram à solenidade o
cunho de elevado espírito nacio-
nalista, acarinhando simultânea-
mente os «Amigos de Olivença»,
ali representados.

Manuel Maria dos Santos

Tivemos há dias o prazer da
visita deste nosso prezado amigo,
residente na Capital, que mani-
festou o desejo de ser assinante
deste jornal, pagando, no mo-
mento, a assinatura de um ano.

Aqui lhe renovamos os agra-
decimentos devidos pela gentileza,
augurando-lhe as maiores prospe-
ridades.

LIVROS E AUTORES

"INCERTEZA" - Poesia - Hanid Estela

"TERRA DE NINGUÉM" - Romance - Manuel de Seabra

Não conhecíamos Hanid Estela. A sua apresentação foi-nos feita por intermédio do livro de poesia «INCERTEZA», enviado a este jornal. Antes, porém, das breves considerações que a sua leitura nos sugeriu, assentemos já na certeza de estarmos na presença duma poetisa, cujas mensagens terão de ser escutadas por todos quantos vibram, ainda, com as «coisas do espírito».

A autora abre o livro com o soneto «Dúvida»; o seu terceto final: — Triste de quem não sabe nada ao certo / E tem, como resposta no deserto, / Apenas esta angústia da Incerteza! — dá-nos logo a ideia-mestra da obra, que os sonetos «Cansaço», «Andorinha», «Visão», «Chuva», «Mensagem», «Irmãos», «Morte», «Súplica», «Ansiedade», «Incerteza» e tantos outros (são ao todo 62), e os poemas «Síntese», «Não vale a pena», «Nunca», «Queixa» e «Meditação», em especial, acabam por consolidar no nosso pensamento.

Hanid Estela revela-se nos um espírito aberto a todas as dores alheias; mas, não se limita a transmiti-las, nuas e frias, envolvidas tão somente pela técnica apurada de que sabe fazer bom uso. O sofrimento, os anseios e súplicas da Humanidade chegam até nós, nunca pelo efeito do eco puro e simples; o coração da autora sente, vive toda a gama das ansiedades e torturas terrenas, empresta-lhes colorido e roupagem, situa-se — e bem — no centro de irradiação das mensagens que procura traduzir o mais fielmente possível.

Estamos convencidos de que se trata duma estreia; se o é, mais um motivo para a autora continuar, pois a sua «INCERTEZA» marca posição na poesia contemporânea.

Dos poemas que mais apreciamos escolhemos «Meditação» para — como nos parece devermos fazer — darmos a conhecer aos leitores a poetisa Hanid Estela.

Ah! E' verdade, Irmãos,
eu estou cansada de vos ver chorar,
de vos ouvir carpir
e de sentir a vossa alma
cheia de ódios, descrenças, fanatismos,
mitos tolos, ideias sem sentido,
paixões loucas e sonhos impossíveis.
Que é o Mundo para vós?
Porque viveis e que exigis da vida?
Andais sem rumo,
atropelando aqui, saltando mais além,
ferindo, matando,
e falando, falando...
Falando com os lábios,
nunca com o coração!

Passais pela vida à pressa.
Nem tendes tempo de ver
as flores que nascem sob os vossos pés,
nem ergueis a cabeça para olhar
os luzeiros do Céu...
Os vossos olhos — pobres olhos! —
só procuram devassar
as acções dos que vos cercam,
só p'ra verem os erros,
para apontarem culpas,
para verem as faltas cometidas...
Quereis saber das vidas
aquilo que nas vossas não gostais
que os outros analisem...
E assim perdeis o tempo precioso
da vossa curta vida!
Nem deixais que o Sol encha a vossa alma,
nem respirais com gosto o cheiro bom
da terra que pisais,
e nem sequer deixais
o riso vicejar
nos vossos lábios,
mudos para cantar
a pureza das vozes dos pinhais
em noites de luar...
Deixais-vos arrastar
pelo turbilhão fantástico
duma vida mesquinha,
que não podeis amar
mas que deixais dar fruto
no vosso coração, vazio de ternura...
E assim o tempo passa,
e os anos continuam a rolar
sombrios e tristes como noite escura.

Pois é verdade, Irmãos!
Sentai-vos num rochedo,
numa riba distante,
à luz do pôr do Sol,
e pensai bem na vida que levais...
Olhai, longe, o horizonte...
De serra em serra, de monte em monte,
que vedes vós? O que escutais?
Os pássaros procuram o seu ninho,
as flores adormecem, docemente,
a brisa passa leve, levemente,
e as águas continuam a bater
nas rochas, de mansinho...
Que silêncio tão bom! Que suavidade!
Agora olhai a pobre Humanidade,
no seu triste caminho...
Que agitação febril! Lutas... tormentos...
Que é da paz, da alegria de viver?
Há séculos de tortura e de ansiedade
e nada mais, Irmãos! Nada! Mais nada!
Ah! Se não mudais o rumo a vossos passos
e não lançais no Mundo uma alvorada,
se continuais vivendo inútilmente,
nesse marasma imenso em que viveis,
se não lavais o vosso coração
na pureza infinita de uma Aurora,
cheia de luz, de sonho, de ilusão,
e se não fordes, pela vida fora,
atrás daquele Bem que inda não veio,
de olhos erguidos para as coisas belas,
se não souberdes, também, semear estrelas
por vossas próprias mãos,
melhor será então parar a meio
da longa caminhada, meus Irmãos!

O romance «TERRA DE NINGUÉM» pode considerar-se uma estreia na literatura de ficção, muito embora o seu autor, Manuel de Seabra, tenha já um passado literário longo e de relevo.

Em 1950 publicou uma novela, em 1954 um livro de poesia e desde há anos que se dedica intensamente às actividades de tradutor e articulista. Agora vai começar a apresentar o fruto da sua experiência, dos anos de agitação e angústia em que, expatriado, vagabundeou pela Europa.

Manuel de Seabra localizou «TERRA DE NINGUÉM» na vizinha Espanha, quanto ao espaço; no tempo circunscriveu-a ao período da guerra de 1936. Assim, foi seu intento — que a obra nos aize ter conseguido plenamente — tornar-se o intérprete vigoroso e realista, portanto, do panorama de ansiedade do homem contemporâneo, frente ao desmoronar de um Mundo e o nascimento doutro.

Através das 156 páginas de «TERRA DE NINGUÉM» reconhece-se que Manuel de Seabra não traiu o pensamento criador da obra, antes, diálogo a diálogo, capítulo a capítulo, lhe ampliou as raízes e fortaleceu a seiva.

Romance de perfeita urdidura, acção viva e saltitante, entre-meando os diálogos com conta, peso e medida, sabendo onde eles devem ou não cortar os juízos íntimos do principal protagonista, «TERRA DE NINGUÉM» define um romancista e classifica-o — sem reticências ou análises dúbias — um artífice seguro e

brilhante do neo-realismo português.

Esperamos, por isso, que as novas produções prometidas não se façam demorar, a fim de vermos Manuel de Seabra alcançado ao lugar que este seu trabalho nos indica vir a merecer num futuro próximo e, simultaneamente, enriquecida a nossa literatura contemporânea de ficção.

O livro, de sua edição, é distribuído pelo Clube Bibliográfico Editex, Travessa do Fala Só, 151.º-D, Lisboa. A capa é uma feliz composição artística a cores de Victor Palla.

Os leitores poderão ajuizar do valor do romance pela transcrição que fazemos e nos pareceu sugestiva para quem não pode, de momento, lê-lo da primeira à última página — como merece e aconselhamos.

A. PAULA SANTOS

Compreendi. Então compreendi. A guerra ia, de facto, acabar. Naquele tumulto, naquelas gargalhadas estridentes, presenti um mundo que rufa, implacável, à nossa volta. Maruja fitava-me. Contemplava-me tristemente. Hesitei. Também ela sentia aquilo. Também ela tinha consciência do que ia acontecer. O criado aproximou-se. Estendi-lhe uma nota. Virei-me outra vez para a rapariga. Ela olhava para mim com os olhos muito abertos, como espantada. Nisto senti um braço sobre o ombro.

— Como estás, Manolo?
Ouvi aquela voz junto aos meus ouvidos e tive um sobressalto.
— Por aqui? continuou.

Virei-me. Fiquei a olhar para o Capitão Gassó, sem responder.
— Não te lembras de mim?
Baixei os olhos.
— Claro que sim.
Ele abraçou-me.
— Então que tal, Manolo? Que fazes por aqui? Julgava que estavas lá para o front.

Olhei de revés para Maruja. Reparei que nos fitava de olhos muito abertos, atemorizada. Soltei uma risada. Tive a impressão de que souo falso. Mas era a única coisa que podia fazer naquele momento. Pus-lhe um braço sobre a espalda e obriguei-o a sentar-se.

— Sim, respondi. — Mas hoje tive dispensa. Vim cá divertir-me um bocado. Não conheces Maruja?

Reparei como os seus olhos saltavam de mim para ela e regressavam de novo ao ponto de partida.

— Não conheces, Maruja?
Riu, inclinando-se para a frente, com um brilho metálico no olhar, como se estivesse embriagado.

— Sim. — E depois parou. — Quero dizer, não. Apenas de vista. Haverá alguém em Valência que não conheça Maruja? Toda a gente conhece o vosso amor...

Continuou a rir. Eu mordi os lábios, contrariado.

— Como te tens dado por lá?
— continuou ele.

Encolhi os ombros, indiferente.
— Uma chatiche! — exclamei. — Tu é que tens sorte. Ficaste aqui, a divertir-te. Aquilo por lá é muito chato.

Ele piscou o olho a Maruja e bateu-me de leve nas costas.

— Mas pelo que vejo, não te podes queixar!

Não respondi. Pus os olhos no chão sem saber como continuar a conversa. Pensava se Gassó me iria denunciar. Porque eu não podia acreditar que o tivesse enganado. Ele era do Estado Maior e estava bem a par da situação. Ergui o rosto lentamente para ele e, num relance, olhei para Maruja. Ele estava nesse momento a falar:

— E você, como se tem dado por cá? Nunca perdoarei a Manolo não nos ter ainda apresentado. Mas já a não vejo há muito tempo. Que é feito de si? Segundo parece, mudou-se. Desde que o Manolo partiu nunca mais ninguém lhe pôs os olhos em cima...

Vi Maruja sorrir. Estava muito pálida e os lábios tremiam-lhe imperceptivelmente.

— Sim, Maruja mudou-se! — cortei eu, erguendo a voz e tentando dar-lhe uma inflexão natural. — Achou que era muito aborrecido viver no centro...

Ele riu, enfiando as mãos nos bolsos e inclinando-se para trás.

— Oh! Oh! Meu Deus, mas tem toda a razão. E' muito chato... Quem puder é safar-se para os arrabaldes. Bem basta os que, pelas suas obrigações, não podem fazer o mesmo... Meu Deus, a gente já não aguenta isto...

(Continua na 6.ª página)

A Lei de Melhoramentos Agrícolas como factor de valorização agrária

Do ponto de vista agrário, o crédito apresenta duas modalidades: *fundiário e agrícola*.

A terra apropriada — a propriedade — reconhecida e defendida por todas as leis do mundo civilizado, constitui uma excelente garantia de reembolso de qualquer empréstimo: por isso o crédito fundiário é quase tão antigo como a própria propriedade.

O crédito agrícola, pelo contrário, baseia-se não na própria terra mas na cultura e produção e pode ser utilizado por todos os agricultores sejam ou não proprietários. E', assim, de natureza puramente pessoal, consagrado ao melhoramento da agricultura.

Anteriormente à publicação da Lei de Melhoramentos Agrícolas, o panorama do Crédito Agrário em Portugal podia esquematizar-se da seguinte forma:

a) — Existência de certo número de entidades, concedendo empréstimos hipotecários sob garantia de prédios rústicos, sem condicionar a aplicação das importâncias mutuadas.

Como principais fontes de crédito citam-se a Caixa-Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, o Montepio-Geral a Companhia-Geral de Crédito Predial Português e os mutuantes particulares.

Não existindo, porém, qualquer fiscalização na aplicação das quantias mutuadas, verifica-se que, muitas vezes, as mesmas são desviadas para outros fins, inclusivamente não agrícolas.

b) — Existência de crédito não hipotecário com finalidade agrícola — destinado a obter capital de exploração —, geralmente com garantia de fiança, penhor ou consignação de rendimentos, facultado especialmente por intermédio de Organismos Oficiais e Corporativos.

Em ambos os casos os prazos curtos ou médios para a duração dos contratos verificam-se com maior frequência do que seria conveniente; pode, mesmo, dizer-se que só muito excepcionalmente se registava a existência de contratos a longo prazo.

A Lei de Melhoramentos Agrícolas veio, porém, transformar completamente o aspecto do panorama prestamista em Portugal, introduzindo na orgânica do crédito agrícola fundiário as seguintes inovações:

a) — Taxas de juro excepcionalmente baixas — 2% ao ano;

b) — Longos prazos de amortização, proporcionados à natureza das obras a realizar e à capacidade financeira dos mutuários;

c) — Conveniente fiscalização na aplicação dos capitais, impedindo o desvio das quantias mutuadas para outros fins, no intuito não só de evitar que o principal objectivo da Lei — o fomento — seja desvirtuado, mas, também, de proteger os interesses económicos dos próprios mutuários.

Para despertar e estimular o espírito de economia dá-se aos mutuários a possibilidade de antecipar o pagamento parcial ou total da dívida, beneficiando, nesta hipótese, de um bônus.

Para maior eficiência da Lei, a Junta de Colonização Interna considerou fundamental assentar toda a acção no conhecimento tão largo quanto possível dos problemas económico-sociais das diversas regiões do País.

Por isso, os Delegados da Junta têm procedido ao reconhecimento geral da região onde trabalham, equacionando os seus principais problemas.

De 1947 a 1958 foram concedidos empréstimos no montante de 350 mil contos, correspondendo a um volume de obras repartidas pelas seguintes categorias de melhoramentos:

1 — Obras de Rega, Enxugo e Defesa contra a Erosão, 150 mil contos; 2 — Sarribas, Arrozeiras e Novas Plantações, 31 mil contos; 3 — Construções Rurais, 71 mil contos; 4 — Oficinas Tecnológicas, 80 mil contos; 5 — Outros Melhoramentos, 81 mil contos.

Estes números concretizam a orientação inicialmente estabelecida de se dar maior preferência às obras de maior interesse económico-social.

Como muitas das obras incluídas no grupo «Sarribas, Arrozeiras e Novas Plantações» acompanham, em geral, as de regadio, segue-se que o interesse das obras abrangidas no 1.º grupo mais realce toma, podendo afirmar-se, então, que cerca de 50% do montante dos empréstimos efectuados se destinou a melhoramentos ligados à rega.

A área total beneficiada pela rega foi de 12360 hectares, sendo o encargo médio, com base nos custos orçamentados, de cerca de 13000\$00 por hectare.

No grupo de «oficinas tecnológicas» destacam-se os empréstimos concedidos a cooperativas de transformação de produtos, que, só por si, absorveram mais de 90% do montante dos empréstimos deste grupo.

Dentre os financiamentos de construções têm merecido especial atenção as habitações para os empresários agrícolas e pessoal assalariado, os alojamentos para animais e, ainda, os silos e nitreiras.

A experiência que a Junta possui no já largo período de execução da Lei aconselha o alargamento do seu âmbito de actuação, sobretudo no sentido de maior intervenção nas regiões de pequena propriedade e na realização de melhoramentos fundiários de interesse colectivo. A legislação necessária encontra-se em estudo e espera-se que o conjunto das medidas a introduzir permita, dentro do campo de actuação necessariamente limitado da Lei n.º 2017, completar a acção em boa hora empreendida, dando novas perspectivas à já larga e vasta obra de fomento há 12 anos iniciada.

Jacinto Morais Antunes

No gozo de licença graciosa, está na Metrópole o nosso prezado amigo e distinto funcionário de Finanças nos Açores, Sr. Jacinto Morais Antunes, que, na companhia da esposa, a Prof.ª Sr.ª D. Maria Manuela Lourenço Antunes, e filhinhos, tem repartido as férias pela sua terra-natal — Arega e pela de sua esposa — Sertã.

Os nossos cumprimentos.

As grandiosas e tradicionais festas a S. Paulo e ao Senhor dos Aflitos

em Maçãs de D. Maria

Os grandes e tradicionais festejos em honra de S. Paulo e do Senhor dos Aflitos, em Maçãs de D. Maria — que já foi concelho e comarca das antigas «Cinco Vilas» e Arega — vão realizar-se nos próximos dias 29 e 30 do corrente, obedecendo a um variado e extenso programa de que mais abaixo damos nota.

Desde há muito que os festejos são dos maiores da região e, no particular da procissão das «fogaceiras», são — de longe — os maiores dos distritos de Leiria e Coimbra, pois todos os anos o seu número ultrapassa a casa das 400 e alguns já houve em que excedeu a marca de 500.

Tanto a Comissão de Honra, constituída pelo Rev. P.º Salgado e Srs. António Guia Gameiro, Dr. António Gameiro e David Gameiro, como a Executiva, de que fazem parte os Srs. Eugénio Dias Franco, — Presidente, António Cirilo — Tesoureiro, Abílio Gonçalves Morgadinho — Secretário, José Maria da Silva — Tesoureiro ajudante, João Simões Polido, João Medeiros dos Santos, Artur Simões de Sousa, Mário Mendes dos Santos, António Simões Luís, Joaquim Laranjeira, José Maria Lopes, Acúrsio Mendes, Eugénio Branco, Manuel Dias, Emídio Simões, Jacinto Craveiro, João de Deus, Acácio Mendes da Silva e Manuel Gomes, não se têm poupado a esforços para que as festas atinjam — como esperamos — um brilhantismo sem precedentes.

Segue o programa:

Sábado, 29 de Agosto — S. Paulo

6 horas — Salva de 21 tiros, repique de sinos, início das festas com os gaiteiros de Miranda.

7 horas — Inauguração solene das festas pela Filarmónica de Alvaizere.

9 horas — Missa e comunhão geral.

11 horas — Inauguração da Quermesse pró catequese.

13 horas — Missa cantada e sermão por um dos melhores oradores sagrados.

15 horas — Corrida de bicicletas.

16 horas — Corridas de três pernas, sacos, cântaros, ovos, etc.

19 horas — Terço, prática, procissão e Bênção com o SS.º e encerramento.

Domingo, 30 de Agosto — Sr. dos Aflitos

6 horas — Alvorada, com salva de 21 tiros, repique de sinos e gaiteiros.

7 horas — Início das festas ao Senhor dos Aflitos, pela Filarmónica de Alvaizere, pelas ruas da vila.

8 horas — Recepção de outra famosa Filarmónica.

9 horas — Missa e comunhão geral.

10 horas — Recolha de fogações.

12 horas — Missa solemne, Sermão pelo mesmo grande orador, e procissão.

15 horas — Bênção das fogações e leilão.

19 horas — Terço, prática e bênção com o SS.º.

21 horas — Vistoso arraial de fogo preso e luzes, confeccionado propositadamente para esta festa pelos melhores pirotécnicos do País.

24 horas — Encerramento dos festejos e retirada das Filarmónicas.

Para a «Corrida de bicicletas» a realizar na tarde do dia 29 fo-

Casa do Povo de Figueiró dos Vinhos

POSTO MÉDICO

Como é do domínio geral, a obra de assistência médica a cargo da Casa do Povo alcançou há muito uma expressão relevante que se tem reflectido na melhoria do estado sanitário dos associados e familiares.

O seu Posto Médico continua

a desempenhar uma função social digna dos maiores encómos, registando um movimento importantíssimo.

Para completa elucidação dos leitores, passamos a transcrever o que foi a actividade daquele posto no 1.º semestre deste ano:

Movimento clínico	Jan	Fev.	Março	Abril	Mai	Junho	TOTAIS
Consultas na sede	92	113	140	161	137	160	803
» no consultório	28	37	14	63	35	51	228
Visitas domiciliárias	10	29	17	59	15	21	151
Tratamentos	150	106	102	93	60	54	565
Injecções	632	679	789	1269	941	1152	5462
Operações de pequena cirurgia	1	5	4	2	—	1	13
Vacinas	—	—	—	—	1	2	3
Análises de sangue	3	6	4	6	2	4	25
» » urinas	—	4	1	1	2	1	9
Assistência a parturientes	1	—	—	—	—	—	1

Do cartão de visita Inquérito Industrial à mensagem

(Continuação da 2.ª página)

Não obstante, a respeito do cartão de visita, ocorre um fenómeno digno de estudo: enquanto na França, Itália, Espanha e outros países da Europa, vem decaindo sensivelmente, aumenta o seu uso nos países do Norte. Os ingleses, por exemplo, são muito dados à troca de cartões, provando-o o seguinte facto: para realizar o serviço de distribuição de cartões, no primeiro ano depois da Segunda Guerra Mundial, o Departamento de Correios de Londres empregou, além do seu pessoal comum, cerca de oitenta mil interinos; número ainda maior foi utilizado nos Estados Unidos.

Mas, se o cartão de visita se democratizou, perdendo a ornamentação complicada de outros tempos, tornando-se tão simples como a sociedade civilizada e contribuindo para facilitar os encargos do homem ocupado, permitindo-o dizer em quatro linhas o que antes teria requerido uma longa carta para ser expressado, outros cartões, com os mesmos ornatos complicados, mas indubitavelmente mais belos, vieram suprir as velharias que já não circulam, vencidas pelas mudanças da moda.

Os cartões de Natal e Ano Novo, essas artísticas felicitações que inundam as rotas do serviço de correios, durante o último e o primeiro mês do ano, são a compensação pelos que já desapareceram, uma compensação bastante rica, sem dúvida alguma, de grande beleza e nobre expressão de sentimentos, cuja chegada à nossa casa nos faz sentir a íntima satisfação de que em outros lares se lembram de nós com o mesmo afecto que nós lhes dedicamos.

ROGER L. NEWCASTLE

Visado pela Comissão de Censura

ram instituídos 8 valiosos prémios: 2 primeiros, cada um de 500\$00, para o 1.º classificado da freguesia e para o 1.º entre todos os inscritos; 2.º — 400\$00; 3.º — 300\$00; 4.º — 200\$00; 5.º — 100\$00; 6.º — 50\$00; e prémio do azar — 100\$00.

Para a «corrida pedestre com cântaros à minhota» haverá três prémios, respectivamente de 50, 30 e 20 escudos; e os mesmos prémios foram estabelecidos para a «corrida de ovos à brasileira».

Faz-se público que, nos termos da base IV da Lei n.º 1911, de 23 de Maio de 1935, todas as unidades industriais existentes em 31 de Dezembro de 1958 neste concelho se encontram sujeitas a um inquérito industrial que o Instituto Nacional de Estatística vai realizar, o que implica para o industrial a obrigatoriedade de prestação de informações verdadeiras.

Os agentes inquiridores encarregados de levar a cabo o inquérito auxiliarão, de todos os modos possíveis e sempre que os industriais o desejem, o preenchimento do boletim do inquérito industrial.

A base V da Lei n.º 1911, de 23 de Maio de 1935, garante o absoluto segredo das declarações prestadas, as quais se destinam exclusivamente a fins estatísticos. Em caso algum poderão ser utilizadas para fins diferentes daquele, nomeadamente fiscais.

Agradecimento

A família de Manuel dos Santos, que foi desta vila, vem, por este meio, expressar o seu maior reconhecimento a todas as pessoas que acompanharam o saudoso extinto à sua última morada, bem como àqueles que, de qualquer modo, manifestaram o seu pesar pelo seu falecimento, sem esquecer a sua dívida de gratidão para com todos os que se interessaram durante o período da sua doença.

Novas moedas de prata

Foi publicado um decreto-lei que autoriza o Ministro das Finanças a mandar proceder à cunhagem de moedas de prata, comemorativas do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique.

O valor total será de 10000 contos, sendo 4000 em moedas do valor facial de 20\$00, 2000 em moedas do valor facial de 10\$00 e 4000 em moedas do valor facial de 5\$00.

As novas moedas terão, no anverso, a effigie do Infante, a legenda «Quinto Centenário da Morte do Infante D. Henrique» e a data «1930», e, no reverso, as armas e a divisa do Infante, circundadas por «República Portuguesa».

Obras importantes

no concelho de

Pedrógão Grande

Os responsáveis pela vida e progresso do vizinho concelho de Pedrógão Grande, especialmente o Presidente e Vice-Presidente da Câmara Municipal, Srs. Rev.º Padre José Ferreira e Angelo Pereira, estão empenhados em conseguir as obras e melhoramentos que constituem justo anseio da população, designadamente vias de comunicação, abastecimento de águas e electrificação.

Nem sempre, porém, — por maiores que sejam o espírito de iniciativa, a boa-vontade e o dinamismo dos dirigentes concelhios — é possível obter-se de um dia para o outro tudo o que se pretende. A escassez das receitas municipais é o obstáculo número um a vencer; depois há muitos outros a torner e o tempo vai se passando, as obras não podem iniciar-se tão rapidamente como é desejo de todos e — quase sempre — as populações interessadas levam à conta de negligência dos responsáveis pela administração concelhia os atrasos que eles, por todos os meios ao seu alcance, procuram — ingloriamente — eliminar.

Mas, enfim... as pessoas que se prontificam ao desempenho de cargos semelhantes sabem de antemão as dificuldades e incompreensões que as espera; dispondo-se a servir a Nação contam logo com a enormíssima dose de paciência de que terão de se revestir...

Deixemos, agora, estas ligeiras considerações que traduzem a verdade nua e crua, e tratemos dos casos concretos que importa referir. Na sequência natural do programa de realizações traçado para o concelho de Pedrógão Grande, foram arrematadas em 11 de Julho último, na Sala das Sessões da Câmara Municipal, as duas obras seguintes:

1.ª — *Reparação de arruamentos em Pedrógão Grande* — 3.ª fase — Rua Rica, 500m²; Rua da Nogueira, 100m² e Rua da Misericórdia, 950m².

Foi arrematante o Sr. Joaquim Fernandes pela importância de 67 500\$00.

José Dias da Silva

Em gozo de licença graciosa encontra-se entre nós o estimado amigo e conterrâneo, Sr. José Dias da Silva, distinto e considerado funcionário do Tribunal Judicial de Loulé, a quem cumprimentamos.

2.ª — *Construção do Caminho Municipal de Vila Facaia a Mosteiro, por Campelos* — 2.ª fase — Terraplenagem e obras de arte entre perfis 70 e 182, na extensão de 855 metros, e pavimentação entre perfis 1 e 132, na extensão de 1841 metros.

Foram presentes 4 propostas, sendo aceita a do Sr. Valentim Coelho da Fonseca, na importância de 166 510\$00.

No dia 12 de Setembro próximo, pelas 10 horas e meia, na Sala das Sessões dos Paços do Concelho, vai à praça a obra seguinte:

Construção do Caminho Municipal do lugar de Pinheiro do Bordo (Estrada Nacional n.º 350) à Ponte da Bairrada (E. N. n.º 237), passando pela freguesia da Graça — 6.ª fase — Pavimentação e regularização, na extensão de 4 032 metros.

A base de licitação está fixada em 248 093\$20.

José Francisco da Silva

Acompanhado da esposa e de visita a sua filha, Sr.ª Dr.ª D. Maria Amélia dos Santos Piedade, genro, o nosso prezado amigo, Sr. Dr. Manuel Alves da Piedade, distinto Médico e Vice-Presidente da Câmara, e neta, tem estado em Figueiró o Sr. José Francisco dos Santos, natural da freguesia de Campelo e abastado proprietário e comerciante em Coruche, onde reside há anos.

Cumprimentos e desejos de boa estadia entre nós.

POLÍCIA DE SEGURANÇA PÚBLICA

Concurso para Guardas provisórios

Por já não terem possibilidade de alistamento os candidatos que ficaram aprovados no concurso realizado no ano transacto e aguardavam a sua incorporação na Polícia de Segurança Pública, ficam avisados de que, para efeito de serem presentes ao concurso a efectuar nos meses de Novembro e Dezembro do ano corrente, para Guardas provisórios, devem apresentar requerimentos no Comando-Geral (Avenida António Augusto de Aguiar, 18, Lisboa-1), até ao dia 31 de Agosto p. f.

Não poderão requerer os candidatos que já tenham 28 anos ou os completarem até ao fim do ano corrente.

ANTERO A. SIMÕES SEGURO & COMPANHIA, LIMITADA

Para os devidos efeitos se comunica que por escritura de 19 de Agosto de 1959, lavrada na Secretária Notarial de Coimbra, pelo Notário Dr. Assis Teixeira, no seu livro de notas n.º 192, C, fls 64, v., os sócios da Sociedade ANTERO A. SIMÕES SEGURO & COMPANHIA, LIMITADA, Antero Augusto Simões Seguro, Accácio dos Santos Simões Arinto, Adérito dos Santos Simões Arinto, Lúcio dos Santos Simões Arinto e Aida de Jesus Arinto, foi eliminado o artigo 6.º do pacto social e alterado o artigo sétimo do mesmo pacto que ficou a ter a seguinte redacção:

ART.º 7.º

A gerência e a administração da sociedade, incumbe a todos os sócios, que desde já são nomeados gerentes, sem caução, com ou sem remuneração conforme for deliberado em assembleia geral.

§ 1.º

Para obrigar a sociedade é suficiente a assinatura do gerente e sócio Antero Augusto Simões Seguro, ou as assinaturas de dois dos outros quatro gerentes. Em assuntos de mero expediente basta a assinatura dum só dos gerentes.

§ 2.º

Os gerentes poderão fazer-se representar por pessoa que a sociedade aceite com poderes conferidos legalmente.

Mantém-se o restante.

Coimbra, 19 de Agosto de 1959.

O notário

António Alves de Assis Teixeira

Nascimento

Na Clínica de Santa Cruz, em Coimbra, no dia 6 p. p., deu à luz uma robusta e perfeita menina a Sr.ª D. Orlanda Rosa Quaresma, extremosa esposa do nosso prezado amigo e considerado comerciante desta vila, Sr. Joaquim da Silva Quaresma.

Felicitemos os pais e formulamos votos da máxima ventura para a pequenina.

D. Aursa da Conceição Lopes

Em Alge-Campelo, em casa de seus pais, está a passar as «férias grandes» a Sr.ª D. Aursa da Conceição Lopes, nossa prezada assinante e distinta Regente escolar que no ano lectivo findo exerceu em Chimpeles com a maior proficiência, alcançando excelentes resultados.

NOSSA SENHORA DA CONFIANÇA

Nos dias 7 e 8 de Setembro próximo, realizam-se em Pedrógão Pequeno os festejos em honra de Nossa Senhora da Confiança.

Festa que merece a particular devoção de Pedrogueses e populações vizinhas, de há muito regista sempre extraordinária afluência. Este ano, porém, espera-se que atinja excepcional brilhantismo, dado o interesse e carinho postos na sua organização pelo dedicado pedroguesense, Sr. Angelo Pereira, activo industrial e distinto Vice-Presidente da Câmara de Pedrógão Grande, que a promove, em cumprimento duma voto feito a N. Senhora.

Constará de:

Segunda-feira, 7 de Setembro

Às 17 horas — Recepção às Filarmónicas da Sertã e de Pedrógão Grande com os habituais cumprimentos da Filarmónica Aurora Pedroguesense.

Das 17h 30m às 20 horas — As referidas Filarmónicas percorrerão as ruas da Vila em cumprimento aos seus habitantes, terminando na Praça Principal, onde executarão algumas peças do seu vasto repertório.

Às 21 horas — Organizar-se-á uma soleníssima procissão de velas, sendo conduzida a Imagem da Nossa Senhora da Confiança, da Igreja da Vila para a sua Capela.

Itinerário da Procissão:

Igreja da Vila, volta ao largo de S. Sebastião, Estrada Nacional, Estrada do Bairro da Hidro-Eléctrica do Zêzere e Estrada que liga este Bairro à Capela da Nossa Senhora da Confiança.

Quando a procissão estiver próximo da Capela, a qual estará vistosamente iluminada, proceder-se-á ao lançamento de um deslumbrante fogo de artifício.

Às 23 horas — Início da grandiosa noite de Festejos em Honra da Nossa Senhora da Confiança.

Concerto musical durante toda a noite pelas já afamadas Filarmónicas da Sertã, de Pedrógão Grande e Aurora Pedroguesense.

A partir desta hora será queimado um vistoso fogo de artifício.

Este fogo estará a cargo dos bem conhecidos pirotécnicos Sertaginenses, compondo-se de: «bouquets», peças de diversos efeitos, rosas, apitos, fogos de bengala e centenas de foguetes de abrir e de grande efeito luminoso, terminando com «O Castelo», peça que ficará na recordação de todos.

Figueiroenses! A Casa do Povo chama-vos, pedindo ajuda para custear a sua Colónia Balnear.

Terça-feira, 8 de Setembro

Às 7 horas — Alvorada com salva de 21 morteiros.

Das 8 às 10h 30m — Confessar-se-ão todos os devotos que o desejarem, encontrando-se para esse fim Sacerdotes na Capela da Nossa Senhora da Confiança.

Às 10h 30m — Missa solene e sermão por um distinto orador sagrado.

Comunhão geral:

Depois da missa será fornecida, aos pobres portadores de senha, uma merenda.

A distribuição destas senhas é feita pelo Reverendo Prior da Freguesia.

Das 1h às 17h 30m — Continuação do concerto musical pelas Filarmónicas da Sertã, de Pedrógão Grande e Aurora Pedroguesense.

Às 17h 30m — Solene procissão da Nossa Senhora da Confiança, sendo a Imagem conduzida pelo itinerário habitual, terminando com uma pequena devoção.

Depois da procissão a festa continua. Música, foguetes, enfim, muita animação.

Durante os festejos serão entregues lindos registos coloridos da Imagem da Nossa Senhora da Confiança.

Colónia de Férias

do Governo Civil

De Peniche, onde funciona a Colónia de Férias do Governo Civil de Leiria, regressaram no dia 20 p. p. à noite as 8 raparigas que constituíram o turno feminino deste concelho. No dia 21 último seguiram para a mesma Colónia 16 rapazes nossos conterrâneos, integrados no turno que termina em 9 de Setembro.

O Sr. Governador Civil, coadjuvado pelas Câmaras e alguns particulares do Distrito, continua uma obra notável de protecção à criança — facto que muito nos regozija e com o qual as crianças do nosso concelho grandemente têm lucrado de há anos a esta parte.

Albano Neves Roldão

O nosso estimado amigo, Sr. Albano Neves Roldão, grande e activo comerciante em Luanda, encontra-se na Metrópole desde fins de Junho, acompanhado da esposa e filhos, no gozo de merecidas férias.

Fixou residência na Figueira da Foz e conta demorar-se cerca de um ano.

Cumprimentos de boas-vindas e votos de férias excelentes.

Escola Secundária da Câmara Municipal de Figueiró dos Vinhos

AVENIDA SALAZAR — TELEFONE N.º 128

Alvará n.º 590

CURSO GERAL DOS LICEUS

Externato misto

Novo corpo docente — Professores competentes e zelosos

MATRÍCULAS: 1 a 12 de Setembro

DIABETES

O que é a diabetes e a importância que tem o seu bom tratamento

É já conhecida desde a antiguidade a existência de uma doença caracterizada por 3 sintomas típicos: poliúria (urinar muito), polidipsia (beber muito) e polifagia (comer muito). O próprio nome «diabetes», por que ela é conhecida foi inventado pelos médicos da Grécia Antiga.

Então, até recentemente, até à descoberta da insulina, a diabetes era uma doença terrível, com uma evolução que, nas formas graves, era pior que a do cancro! O mal avançava sempre e gradualmente e, num prazo de meses a poucos anos, a morte sobrevinha fatalmente. Ela podia resultar de variadas causas, mas, entre estas destacava-se o coma diabético, uma terrível complicação que constantemente ameaçava todos os diabéticos e para a qual não havia tratamento. Surgido o coma, a morte era certa num prazo de horas.

Deste modo, salvo para as formas muito ligadas, do homem adulto ou do velho, o diagnóstico de diabetes era de terrível significado, igual ou pior que o do cancro, sendo o seu prognóstico trágicamente fatal.

Mais recentemente, mas já há algumas centenas de anos atrás, fez-se uma descoberta: os diabéticos tinham açúcar na urina! Tinham glicosúria. As formigas, os animais, procuravam a urina dos diabéticos, e um médico lembrou-se de «provar» essa urina. Viu então que ela era doce e concluiu que continha açúcar. Hoje, para procurar o açúcar da urina, faz-se uma análise muito simples e prática, mas, durante muito tempo, era provando a urina que os médicos faziam o diagnóstico mais certo de diabetes, podendo assim distingui-la de outras doenças que igualmente produzem muita sede e urina abundante.

Com a descoberta da glicosúria passaram a compreender-se os sintomas principais da diabetes. O açúcar da urina arrasta consigo água e é por isso que o diabético «urina muito». Urinando muito, perde água, tem sede e «bebe muito». Por outro lado o açúcar é um ótimo alimento. Perdendo-se pela urina, o diabético tem fome e, por isso, «come muito».

Com esta descoberta do açúcar na urina também algum tratamento útil se começou a poder fazer aos diabéticos. Raciocinando que, se eles perdiam açúcar na urina era porque a sua doença os impedia de o aproveitar convenientemente, começou-se a aconselhar aos diabéticos dietas sem açúcar, nem alimentos açucarados (doces, etc.). Mais tarde ainda, descobriu-se que havia uma qualidade de alimentos, os alimentos fariñosos (pão, farinhas, massas, arroz, batatas, grão, feijão, etc.) que no nosso organismo se transformavam em açúcar. É que eles contêm amido, o qual, durante a digestão, é transformado, no nosso intestino, em açúcar, em glicose, e é esta glicose que passa para o sangue para ser aproveitada pelo nosso corpo. Passou-se então não só a proibir o açúcar, mas também a diminuir na dieta a quantidade destes alimentos com amido.

Com esta dieta melhorou-se bastante a sorte de muitos diabéticos. Quando a doença era li-

geira, desapareciam as queixas duma maneira satisfatória enquanto o mal se não agravasse, mas, sempre que a doença era logo de início mais grave, em especial nas crianças atacadas pelo mal durante o crescimento, de nada lhes valia esta dieta e os seus dias estavam na mesma contada. A condenção à morte continuava irrevogável.

Era este o desanimador estado de coisas em que nos encontrávamos até há relativamente pouco tempo, quando foi descoberta a insulina. Foram dois médicos cientistas do Canadá, os Drs. Banting e Best que, em 1922, descobriram a insulina e, fazendo-o, conquistaram a glória para si e a saúde para todos os diabéticos que o queiram, isto é, que se submetam inteligente e disciplinadamente ao tratamento prescrito. Efectivamente, hoje, a diabetes correctamente tratada (com ou sem insulina, consoante o caso e o momento) não é doença, pois permite uma vida saudável, em tudo igual à das outras pessoas. Foi isto a mais espantosa revolução que se possa imaginar no tratamento da diabetes, pois libertou os diabéticos do desespero em que viviam e deu-lhes uma vida normal.

Mas o que é a insulina, afinal, para ser de tal maneira importante?

A insulina é uma substância formada pelo pâncreas — glândula existente no abdómen por baixo do estômago, envolvida pelo duodeno — e é por esta glândula lançada para o sangue. É aquilo a que os médicos chamam uma «hormona».

A insulina actua fazendo com que o açúcar do sangue possa ser aproveitado por todos os tecidos do nosso corpo (carnes, vísceras, cérebro, etc.) como seu alimento.

Ora o diabético tem falta de insulina. Pode ter insulina, mas não tanta quanto a que precisa. Resulta daí que o açúcar, a glicose, não é bem aproveitada pelos tecidos e, assim, sobe no sangue — há hiperglicemia. Este açúcar a mais no sangue escorrega para a urina — há glicosúria. A glicosúria, por sua vez produz, como já vimos, os 3 sintomas principais da diabetes: poliúria, polidipsia e polifagia.

Sem tratamento a doença progride, piora sempre, até que surgem as complicações e, finalmente, a morte, por coma diabético ou outra causa.

Com tratamento adequado tudo isto muda! Com uma dieta correcta, tal como hoje se sabe perfeitamente fazer, e, sendo necessário, também com a insulina, o diabético deixa de ser doente. Desaparecem os 3 sintomas principais porque também desaparece a glicosúria, e as complicações não chegam a surgir. Se elas aparecem, isso só pode ser sinal de tratamento mal feito, ou por ignorância ou por descuido.

Há já, pode, felizmente, dizer-se que o diabético nunca morre por causa da diabetes. Quando é em relação com o que vem a falecer a causa da sua morte não foi certamente a sua diabetes, mas, sim, o seu descuido.

Não quer ser diabético?

Não coma demais.
Coma apenas o que precise

Figueiró moderniza-se

Dotado de instalações modernas e de gosto, que valorizam a terra, abriu ao público o «Café e Pastelaria da Fábrica de Santo António dos Milagres», onde o sabrosíssimo «pão de ló» e as restantes especialidades em doces e bolos daquela fábrica se encontram à venda.

Está de parabéns o seu proprietário e nosso prezado amigo, Sr. Angelo David e Silva, pela ótima concretização da sua iniciativa; e Figueiró, também, por contar mais um estabelecimento modelar que em muito contribuirá, certamente, para o seu progresso e bom nome entre os turistas que nos visitam.

Grémio do Comércio

Por feliz iniciativa da Direcção e para recreio e cultura dos associados e suas famílias, foi instalado há dias um receptor de televisão na sede do Grémio do Comércio deste concelho.

LIVROS E AUTORES

(Continuação da 3.ª página)

Para fazer qualquer coisa, tornei a chamar o criado.

— Conhaque! — pedi. — E aqui para o nosso capitão... Que quer, Gassó?

Ele virou-se para mim e ficou um momento quieto, sem falar.

— O que é que quer tomar, Gassó?

— Oh, traga-me também conhaque! — murmurou.

O criado afastou-se. A minha ideia era falar, dizer qualquer coisa em tom confidencial para desviar o rumo que as coisas estavam a tomar. Mas nesse instante ouvi o capitão dirigir-se a Maruja:

— Quer dançar?

Ela cravou os olhos em mim, entre atónita e interrogante. Afastei as mãos com força e o meu rosto devia ter ficado rígido.

— Não te importas, pois não, Manolo, que eu dance uma vez

com Maruja? — perguntou ele com uma expressão suave.

Fiz um gesto vago. E esforcei-me por sorrir.

— Claro que não!

Vi como Maruja se dirigia para a pista num andar tenso, seguida por ele. Vi como a enlaçava e começavam a dançar, obedientes ao compasso rígido da música. Fiquei ali, de cotovelos fincados na mesa, o rosto entre os punhos cerrados, indeciso.

O criado veio com o conhaque. Peguei no meu cálice e sorvi-o de um trago. Depois bebi o de Gassó. O criado tornou a enchê-los. Acendi um cigarro e fiquei à espera que voltassem. Apesar de tudo, estava calmo. Sabia que a minha vida estava presa por um fio. Que tudo dependia do capitão. Uma palavra sua e, de manhã, o meu corpo seria furado pelas balas e a minha mãe receberia (mas só quando tudo acabasse, só então) uma comunicação informando-a de que o alferes Manuel Riera i Nadal fora fuzilado por deserção. No entanto, não tinha medo. Pelo contrário, sentia uma enorme tranquilidade. Uma enorme indiferença. Como se aquilo fosse inevitável, fizesse parte do conseqüente desenrolar das coisas. E aquela calma, aquela indiferença, espantavam-me e tornavam-se dolorosas. Virei o rosto para a pista de baile. Maruja e Gassó continuavam a dançar. Notei que a expressão de Maruja ainda estava tensa, como fazendo um grande esforço para prosseguir. E os seus olhos não desfiavam a mesa onde eu estava sentado, só. Sorri-lhe, levando o cigarro aos lábios, tentando animá-la. Julguei que ela me corresponderia. Pensei que iria também sorrir. Mas não foi capaz.

A música terminou e eles regressaram. O capitão riu alegremente:

— Vocês são um parzinho muito original! — disse. — Muito românticos, sim, senhor... Calcula que Maruja não disse uma única palavra enquanto dançávamos. Como é que vocês se entendem? Por sinais?

Continuou a rir e nós tivemos, de repente, receio de que ele não fosse acabar nunca mais.

— É tarde! — murmurou Maruja. — Tenho de voltar... Acompanhas-me, Manolo?...

Ergui-me.

— Claro.

— Oh, não! — exclamou Gassó. — Tem coragem para me deixar aqui sozinho? Nós vamos fazer uma *juerga* os dois, Manolo...

Excusei-me.

— Compreende... Maruja mora longe daqui e tenho de acompanhá-la...

Maruja murmurou:

— Se queres ficar...

— Não! Podia lá deixar-te voltar para casa sozinho no meio desta escuridão...

— E depois? — perguntou o capitão cravando-me os dedos com força no pulso.

— Depois...

— Voltas? Porque não voltas? Vamos fazer uma *juerga*, rapaz...

Srs. Automobilistas!

A

Auto-Mecânica
Tomarense, L.^{da}

CONCESSIONÁRIOS FORD

com oficina de reparações de automóveis em
TOMAR, telefone 32281, acaba de montar
nas suas instalações:

- Uma nova máquina ultramoderna para alinhamento das direcções de todas as marcas de automóveis, evitando o desgaste irregular dos pneus e reduzindo a chibadeira nas curvas.
- Máquina para equilíbrio de rodas.
- Test-Set para diagnósticos.
- Várias modernas máquinas operatórias.
- Banco de ensaio para afinação e reparação de bombas injectoras.
- Estação de Serviço especializada.

Com pessoal especializado para
atender V. Ex.^{as}, esperamos que
nos dêem a honra da vossa visita.

para a sua idade e para o seu trabalho.

Não se deixe engordar.

Não abuse de açúcar, de glicoseimas e de bebidas alcoólicas.

ATENÇÃO

O que se come a mais não dá forças... faz doença!

(Do Boletim da «Associação Protectora dos Diabéticos Pobres»)

António Simões Arinto

Em busca de lenitivo para a sua doença, encontra-se nas Termas dos Ourives, Alentejo, o nosso estimado amigo e conterrâneo, Sr. António Simões Arinto, conceituado armazenista e proprietário nesta vila.

Que tenha uma estadia proveitosa — é o que desejamos.

A Casa do Povo de Figueiró pretende constituir este ano a sua Colónia Balnear com 100 crianças necessitadas. Ajuda-a com o teu óbolo, Figueirense amigo!

Manuel Alves da Piedade

Médico

CLÍNICA GERAL

Telefone 98

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Joaquim Alves Tomás Morgado

Advogado

Telefone 7

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Quaresma Ferreira

Advogado

Telefone 58

Figueiró dos Vinhos

TERRABELA-HOTEL

UM DOS MELHORES DA PROVÍNCIA
INSTALAÇÕES MODERNAS

BAR — CAFÉ — RESTAURANTE — BILHARES



Serviços de Casamentos e Baptizados

PREÇOS ESPECIAIS



FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Telefone 55

O ÚNICO

PÃO-DE-LÓ

QUE SE VENDE EM TODO O
MUNDO PORTUGUÊS É O DA

Fábrica de Santo António dos Milagres

DE

Figueiró dos Vinhos

Telefone 50

Deseja V. Ex.^a efectuar um
empréstimo em regime
de hipoteca sobre as suas
propriedades?

Realize-o por intermédio da

União Financeira

Juro de 4,5 e 6% ao ano

Para mais esclarecimentos con-
sulte: Bertolino P. Carvalho —
Rua Dr. António José de Almeida
— Figueiró dos Vinhos.



**AUTOMÓVEL
AUSTIN (RP-10-65)**

VENDE-SE em bom esta-
do de conservação, óptima
mecânica e bem calçado.

Apenas dois donos e pou-
ca quilometragem.

Para ver na Estação de
Serviço Cabeço do Peão.
Propostas a José Gonçalves
de Jesus — Figueiró dos
Vinhos.

NECCHI

A MÁQUINA DE COSTURA
DE FABRICAÇÃO ITALIANA
E REPUTAÇÃO MUNDIAL

TRÊS MODELOS

EM EXPOSIÇÃO NO AGENTE
PARA OS CONCELHOS DE
**ALVAÍZERE, ANSIÃO,
CASTANHEIRA DE PÊRA,
FIGUEIRÓ DOS VINHOS,
PEDRÓGÃO GRANDE
E SERTÁ**

ANÍBAL SILVEIRA HERDADE

EM

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

TELEFONE N.º 43

NECCHI A MÁQUINA
DE COSTURA
SÓLIDA, PERFEITA E DE DURAÇÃO
ILIMITADA

Joaquim J. Fernandes

MÉDICO MUNICIPAL

Consultório frente à AVENIDA SALAZAR

Telefone 38

Figueiró dos Vinhos

Henrique Lacerda

Advogado

Telefone 41

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Regulamento Policial do Distrito de Leiria

VENDE-SE NA

MINERVA CENTRAL

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

**Guias
de expedição
dos Caminhos
de Ferro**

**Fichas e folhas
de c/ corrente**

Folhas de férias

**Recibos de rendas
de casa,
c/ 50 e 100 folhas**

Fornece, aos mais
baixos preços, a

TIPOGRAFIA

MINERVA CENTRAL

Telefone 7

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

O
TELEFONE

5

INSTALADO NA PRA-
ÇA DE AUTOMÓVEIS,
ATENDE TODOS OS
DIAS E A QUALQUER
HORA.

CHAMADAS PARA

**AUTOMÓVEIS
DE ALUGUER**

Café Avenida

Aluga-se, em bom local
desta vila, com muita clien-
tela e boas comodidades,
por motivo do seu proprie-
tário não poder exercer a
sua actividade.

Escola de Condução "Figueiró"

Instalada no Edifício da Estação de Serviço Cabeço do Peão

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

TELEFONE 78

DE *Albertino de Oliveira Sousa*
(COIMBRA)

Ligeiros e motociclos amadores

A cargo do instrutor Sr.

António dos Santos Banhudo



Lusalite

(Marca Registada)

AGENTE E DEPOSITÁRIO

NOS CONCELHOS DE:

Figueiró dos Vinhos — Pedrógão
Grande — Castanheira de Pêra
e Ansião

Cimento «LIZ»

Cal Hidráulica «MARTINGANÇA»

Cimento branco «CIBRA»

ANÍBAL SILVEIRA HERDADE

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

TELEF. 43

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

ÓLEOS VEEDOL

Tinta para pintar paredes **MURÁGUA**

Materiais sanitários e seus pertences

Tubo de ferro galvanizado, grés, fibrocimento

Ferro para cimento armado, pregaria, estafe

Gesso - Carbonil - Tintas e vernizes

TELHA - TIJOLO - ADUBOS

VENDE-SE

● Máquina «Storne» para rectificar cilindros, com
respectivos micrómetros, em bom estado.

● Máquina para alinhar direcções «Calculiner»,
em estado de nova.

TRATA:

Auto-Mecânica Tomarense, L.^{da}

TOMAR

Comparticipações concedidas ao concelho

(Continuação da 1ª página)

pação de 120 contos. Os trabalhos iniciar-se-ão este ano, facto que deve ser recebido com grande júbilo, pois todos os Figueiroenses ansiavam há largos anos por tão importante realização.

Arranjo do Jardim

Os já anunciados arranjos do Jardim Público, no coração da vila, foram participados com 48 contos no ano corrente, para uma obra que importa em 120.

TRÊS NOVOS EDIFÍCIOS ESCOLARES

Finalmente, outra notícia de grande interesse para o concelho: vão ser construídos os edifícios escolares de *Buirrão*, *Chimpelas* e *Ponte de S. Simão*.

As obras devem começar brevemente.

O que vai pelo Mundo

● O Congresso Internacional dos Curandeiros inaugurou-se em Hamburgo, com cerca de mil participantes idos de vários países. Além de conferências no âmbito do Congresso, serão tratadas questões de Direito.

● Segundo revelação do Prof. António Ca alcantá, existem no Brasil 550 milhões de ratos, o que dá a média de 8,6 por pessoa!

● O famoso Maestro britânico Thomas Beecham (com 80 anos) casou-se, secretamente, pela 3ª vez, no dia 10 p. p., com a sua secretária, Shirley Hudson (de 27 anos), em Zurique.

● O cientista americano Dr. Chester Emmons afirmou que 50 a 60 americanos morrem todos os anos vítimas de meningite, cuja origem provém dos pombos. Declarou não pretender causar alarme, mas que o pombo é uma ave inuída e se as pessoas conhecessem o suficiente acerca dos pombos não os queriam à sua volta.

● Consta que o cotado «Diestro» Dominguin, colhido gravemente na corrida de 21 p. p. em Bilbao, abandonará o toureio.

● O Dr. Ernst Lantz, de 72 anos, antigo Delegado do Ministério Público dos tribunais nazis, ficou sem a sua pensão de reforma, por segundo anúncio o governo do Estado do Schleswig-Holstein — ter cometido actos contra a Humanidade e os direitos do Homem.

● Um grupo de dez alpinistas soviéticos atingiu, pela primeira vez, o cume do Monte Voroshilov, de cerca de 6666 metros, na cordilheira do Pamir.

David Soares Antunes

Com sua esposa e filhos, esteve em gozo de férias, durante alguns dias, nas Bairradas, de onde é natural, o nosso estimado amigo, Sr. David Soares Antunes, considerado e zeloso Tesoureiro da Fazenda Pública em Silves.

Pela deferência da visita e pagamento da sua assinatura, aqui lhe renovamos os nossos agradecimentos.

Festivos em Padrogão Grande

em 5 de Setembro

Atrações Internacionais. Baile, com uma orquestra ligeira de elevada categoria a actuar presentemente em Lisboa. Barracas de chá. Ceias típicas. Fogo de artificio.

Toda a receita reverte a favor das obras de ampliação e equipamento do Hospital da Santa Casa da Misericórdia.

Figueiroense! 100 crianças da tua terra esperam dever-te a estadia de 20 dias na praia.

Alvaro Pires da Silva

Depois da estadia de breves meses de férias na sua terra-natal — Casal dos Ferreiros das Bairradas — regressou à sua actividade, no Lobito, o nosso estimado amigo Sr. Alvaro Pires da Silva.

Que tenha feito boa viagem, bem como sua esposa e filho, e todos gozem de saúde e alcancem a felicidade que desejam, são os nossos votos amigos.

Figueiroense! A Colónia Balnear da Casa do Povo será agradável realidade se quiseres. Não esqueças esta obra.

RÁDIO RURAL

Todos os serviços de vulgarização agrícola procuram a Rádio como meio de contacto com os centros rurais.

A rapidez e natureza desse contacto, que é directo, chegando ao agricultor dentro da sua própria casa, fez com que a Rádio seja o processo ideal para dar as formações e desenvolver conhecimentos, embora não seja susceptível de ensinar, no sentido pedagógico do termo.

De facto podem-se, pela Rádio, sugerir soluções, criar interesse, modificar estados de espírito, estimular entusiasmos, explicar situações; mas não substituir a informação impressa ou expor resultados em pormenor, como o faz a demonstração, salvo, de certo modo, pela Televisão.

Tem de considerar-se, no entanto, como mais um meio de vulgarização de grande valor.

Assim o reconhecendo, a Secretaria de Estado da Agricultura, em princípios do corrente ano, começou a dar execução a um plano que denominou «Rádio Rural». Em seu cumprimento, a Emissora Nacional passou a transmitir, diariamente, o «Serviço Informativo de Rádio Rural», às 8 horas e meia, e, semanalmente, aos sábados, durante vinte minutos, um programa variado destinado especialmente à Lavoura.

Posteriormente, o noticiário passou a ser retransmitido, também, pela «Rádio Renascença», às 20 horas e meia.

Em seguimento destes trabalhos, projectam-se programas de interesse local a irradiar pelos Emissores Regionais da E. N.

De «Rádio Rural» farão parte as emissões, em estudo, da Rádio-Televisão Portuguesa.

Estão em estudo novas formas de utilização da Rádio ao serviço da Agricultura, de modo a melhorar o seu rendimento.

Figueiroense

que honra a sua terra

Pelo Comandante da Base Aérea n.º 1 (Sintra) foi recentemente louvado o nosso estimado amigo, Sr. Jorge Telhada Simões, um jovem figueiroense que tem sabido impor-se à consideração de camaradas e superiores, quer pelo porte irrepreensível, quer pela dedicação aos serviços.

O referido louvor merece-nos a transcrição integral, não só por assim prestarmos justiça às qualidades daquele nosso prezado conterrâneo, mas ainda para servir de exemplo à juventude da nossa terra. Diz o texto: — «Louvo o 2.º Sargento-Piloto n.º 403/EP, Jorge Telhada Simões, pelo muito interesse, entusiasmo e dedicação com que tem vindo a desempenhar as funções de monitor de pilotagem, mesmo nos momentos mais difíceis, derivados da falta de instrutores, o que, aliado a elevados conhecimentos profissionais e apuro militar, o tornam merecedor de ser distinguido».

Bravo! amigo Jorge. Muitos parabéns! Assim é que é: cada vez mais alto e mais além.

Para si, minha Senhora

Compota de melão

Escolhe-se um melão bom, ainda não maduro, pesando-o limpo de cascas, filamentos e pevides.

Corta-se aos bocados que se vão deitando numa vasilha, às camadas, intercaladas com o açúcar — peso igual ao do melão.

Deixa-se em repouso umas horas e leva-se ao lume até que a calda fique em ponto de pasta. Deixa-se arrefecer e a compota fica pronta a comer-se e chorar por mais...

Linguado recheado com puré de camarões

Escolhe-se um linguado que pese 750 a 900 gramas. Sem se lhe tirar a pele, fende-se ao meio do lado da pele mais clara e tira-se a espinha central com as espinhas laterais que lhe estiverem agarradas, enchendo todo o espaço deixado pela espinha com recheio de camarões, misturado, na quarta parte do volume, com manteiga bem temperada de sal, pimenta e salsa picada.

Passa-se o linguado por farinha, a seguir por gemas de ovos batidas e pão ralado, fritando-se em azeite bem quente. Serve-se com guarnição de quartos de limão e salsa frita.

Geleia branca

5 decilitros de sumo; 920 gramas de açúcar.

Põem-se os marmelos a cozer em água quanto baste e cortados ao meio, sem cascas, nem pevides. Coa-se por um pano de linho, sem espremer.

Leva-se o açúcar ao lume com 5 decilitros de água até estar em ponto de pasta. Junta-se o sumo ao açúcar e leva-se ao lume a levantar fervura.

Depois retira-se do lume, ficando assim pronta para deitar nos copos.

Para esta geleia o ponto do açúcar deve estar bastante subido.

Auxiliar os Bombeiros Voluntários é concorrer para o Bem comum.

Escola Secundária da Câmara Municipal de Figueiró dos Vinhos

Ano lectivo de 1959/60

MATRÍCULAS

O prazo normal para as matrículas nesta Escola (*Curso Geral dos Liceus — 1.º ao 5.º anos*) decorre de 1 a 12 de Setembro, para o que a sua Secretaria estará aberta das 10 às 12 e das 14 às 17 horas, em todos os dias úteis daquele período.

Os candidatos à matrícula pela primeira vez deverão apresentar:

- Boletim de inscrição;
- Caderneta escolar;
- Um selo fiscal de 30\$00 para o boletim de inscrição;
- Um selo fiscal de 7\$50 para a caderneta escolar;
- Bilhete de identidade;
- Atestado médico comprovativo de que não sofrem de doença contagiosa e foram revacinados há menos de 7 anos;
- A importância de 30\$00 para pagamento da quota anual da Mocidade Portuguesa;
- Três fotografias tipo passe;
- Recibo do pagamento, à Câmara, da mensalidade respeitante ao mês de Outubro.

Os que já frequentaram a Escola estão dispensados da apresentação dos documentos referidos nas alíneas b), d) e f); os

que se matriculem no 3.º ano devem entregar três fotografias e os dos anos restantes duas, apenas.

Os que nunca estiveram matriculados ou inscritos nos Liceus de Coimbra, nem lá fizeram exame de admissão, terão de juntar aos documentos indicados a certidão de idade e a certidão de exame de admissão aos liceus.

As mensalidades são pagas durante 10 meses — Outubro a Julho — até ao dia 10 de cada mês, excepto a referente a Outubro que é paga no dia da matrícula, na Tesouraria da Câmara Municipal, mediante guia requisitada na Secretaria da mesma Câmara.

Chama-se a atenção dos candidatos à matrícula para a obrigatoriedade de inscrição nos Liceus, excepto para aqueles que completem 21 anos antes do dia 1 de Outubro p. f..

As cadernetas escolares e os boletins de inscrição são fornecidos na Escola.

Passatempo

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1										
2										
3										
4										
5										
6										
7										
8										
9										
10										

HORIZONTAIS — 1: notáveis; 2: símio; pedra de altar; 3: letra grega; vau-tajoso; o mai; 4: fátiga; 5: nome de fruto (pl.); 6: conversa (pop.); semelhanças; 7: vocal dobrada; ataque de nervos; 8: descascada; 9: anéis; aparelho de lavoura; 10: parte; filtra; artigo (pl.).

VERTICAIS — 1: extensão (pl.); 2: árvore frondosa; rua pequena e estreita; 3: antes de Cristo; animal ruminante; 4: sepulturas muito ricas e ornamentadas; 5: expedite; 6: louca; pavimento; 7: tornara firme aumentando o peso de; 8: salsa; nome de mulher; 9: batráquio; garalhada; 10: compartimento;atedral; artigo (pl.).

Cerca de 32 contos será o custo da Colónia Balnear da Casa do Povo, este ano. 100 crianças beneficiadas! Não negues o teu contributo, Figueiroense!

Sebastião Oliveira e Silva

Acompanhado por sua mãe, esposa e filhinhos, esteve em Figueiró a passar curtas férias o nosso estimado amigo e conterrâneo, Sr. Sebastião de Oliveira e Silva, conceituado comerciante em Macedo de Cavaleiros, que tivemos o prazer de cumprimentar.

BRASIL E PORTUGAL

Esteve em visita a Portugal o Ministro da Educação e Cultura do Brasil, Doutor Clóvis Salgado, Hóspede do Governo português, o Ministro Clóvis Salgado demorou-se cinco dias em Lisboa, tendo visitado diversos estabelecimentos de ensino da Capital.

Passou por Lisboa o Ministro da Marinha do Brasil Almirante Jorge Matoso Maia, que foi recebido pelo Ministro da Marinha de Portugal, Almirante Quintanilha Mendonça Dias, pelo Encarregado de Negócios do Brasil, Embaixador Martim Francisco Lafayette de Andrada e pelos membros da Embaixada do Brasil em Lisboa.

O Presidente Kubitschek de Oliveira concedeu o grau de comendador da Ordem do Cruzeiro do Sul ao Sr. Leônio Marinho Alves, director administrativo da «Panair» do Brasil em Lisboa, por relevantes serviços prestados ao Brasil e às relações luso-brasileiras. Recordar-se que o Sr. Marinho Alves foi agraciado em Maio último, pelo Chefe do Estado português, com a comenda da Ordem de Cristo.

Representação

de fábrica de papel de embrulho e sacos de papel, aceita-se.
Carta a esta Redacção.

Faça encomenda de todos os impressos que necessite à Tipografia deste jornal.